

Curso de Aperfeiçoamento
Brasil-Japão

Gestão Pública e Educação em uma Perspectiva
de Formação Multicultural do Programa Nacional
de Administração Pública

UNIDADE 1 - ARTIGO 2

**COMPOSIÇÃO ÉTNICA DO POVO
BRASILEIRO: PLURALIDADE DA
CULTURA E NATUREZA**

Márcia Ferreira - UFMT

Michèle Sato - UFMT

COMPOSIÇÃO ÉTNICA DO POVO BRASILEIRO: PLURALIDADE DA CULTURA E NATUREZA

Márcia Ferreira

Michèle Sato

Que país é esse?¹

O tema que orienta nossas reflexões – “composição étnica do povo brasileiro” – nos remete a diversas discussões e debates realizados sobre o tema no Brasil, desde o século XIX, quando o país se tornou independente, aos dias de hoje.

Esses debates envolvem diversas áreas do conhecimento, como a ciência política, sociologia, antropologia, história, geografia, economia, literatura, entre outras. Nossa proposta não pretende abarcar toda essa diversidade de discussões, mas disponibilizar alguns elementos que consideramos importantes para estimular a reflexão e o diálogo sobre questões relacionadas à formação do povo brasileiro, sobre as diferenças e especificidades, suas potencialidades e conflitos.

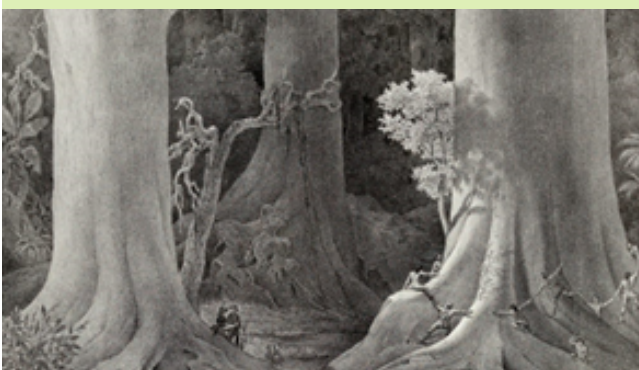
Um ponto de partida para esse processo de construção de novos conhecimentos sobre a composição étnica do povo brasileiro pode ser encontrado, por exemplo, nas investigações de Karl von Martius, o famoso naturalista alemão que visitou o Brasil na comitiva de D. Leopoldina, entre 1817 e 1820.² Mesmo após retornar a Europa, vivendo em Munique, von Martius manteve contatos com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e, em 1847, foi premiado em um concurso promovido por esta instituição que buscava o melhor projeto de redação de uma história do Brasil (GUIMARÃES, 2000, p. 392). Seu trabalho sobre “Como se deve escrever a história do Brasil” defendia a ideia de que o estudo da formação do povo brasileiro era a chave

¹ Título da canção do grupo Legião Urbana, gravada em 1987. Acompanhe letra e música em: <https://www.youtube.com/watch?v=z6uM7FehyWQ> (acesso em 13 mar. 2018).

² Uma breve biografia de Karl von Martius foi publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: <https://ihgb.org.br/perfil/userprofile/KFPVMartius.html> (acesso em 07 mar. 2018).

para se compreender a sua história (RAMOS; MAIO, 2010, p. 35). Em uma época em que os escritos históricos eram sobretudo voltados ao relato dos sucessos políticos, a ideia de Karl von Martius sinalizava para o que viria a ser legitimado no Brasil como uma história nacional adequada aos propósitos dos construtores do Império (GUIMARÃES, 2000, p. 406).

No entanto, a versão da história brasileira sugerida por von Martius, como não poderia deixar de ser, estava imersa na leitura do mundo dominante em sua época, em que os homens brancos eram os protagonistas, simbolizados pelos desbravadores bandeirantes, em detrimento dos indígenas, dos negros e de todos os nascidos nesse território em decorrência dos processos de miscigenação, e que, apesar de constituírem a maioria absoluta da população, eram vistos como um problema que deveria ser equacionado por diversos mecanismos, dentre os quais figurava o processo de escrita da história da nova nação.



Karl von Martius

Uma das ilustrações de “*Flora Brasiliensis*”

Esse e outros trabalhos de von Martius sobre a flora brasileira podem ser encontrados em: <https://ims.com.br/titular-colecao/carl-friedrich-philipp-von-martius/> (acesso em 07 mar. 2018).

Você reparou como as pessoas aparecem nessa imagem? Como as relações entre os homens e entre homens e natureza podem ser interpretadas?

O que nos chama atenção na proposta de von Martius e que consideramos interessante em nossas discussões é a inserção de questões relativas à composição étnica das pessoas que viviam no território brasileiro, cuja independência de Portugal era recente, quando da identificação da necessidade de escrita de uma história da jovem nação. Afinal, quem eram os brasileiros e como eles contribuiriam para o almejado progresso do país?

Será que, tanto naquele contexto histórico como no atual, caberiam outras perguntas, como: Quais eram os integrantes do povo que, vivendo no território brasileiro,

constituiria a nação brasileira? Havia um projeto de nação definido pelos defensores da Independência do Brasil? Qual o projeto de nação dos republicanos do final do século XIX? E hoje, há projetos de nação em discussão? Como as pessoas que vivem no Brasil, com suas similitudes e diferenças, aparecem em todos esses projetos? Essas perguntas podem nos orientar na compreensão das interpretações sobre a constituição étnica do povo brasileiro e suas diversidades.

Brasil, meu Brasil brasileiro³

Diversos autores na segunda metade do século XIX se dedicaram a interpretar a composição étnica do povo brasileiro no contexto de suas reflexões sobre a “brasilidade”, ou seja, sobre um patrimônio cultural profundo que se conservaria semelhante através do tempo, entre todas as etnias e camadas sociais (QUEIROZ, 1989, p. 29-30). Essa busca pela “brasilidade” se orientava pela disseminação de uma ideia importante naquele momento histórico: “um povo homogêneo era a base de qualquer Estado nacional” (RAMOS; MAIO, 2010, p. 34).

Nesse contexto, a diversidade da composição étnica existente no país passou a ser vista como um problema. Afinal, como encontrar as características homogêneas dessa “brasilidade” em um ambiente cultural tão diversificado quanto o brasileiro, no qual coexistiam elementos étnicos e culturais europeus, africanos e indígenas? É importante enfatizar que, nessa concepção de coexistência, não havia nenhum traço de harmonia ou respeito às diferenças, ao contrário, era uma coexistência muito malvista pelas elites políticas do país e interpretada como um obstáculo ao desenvolvimento econômico e à formação de uma verdadeira identidade nacional capaz de impulsionar o Brasil para o progresso (QUEIROZ, 1989, p. 30).

Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Silvio Romero (1851-1914) e Euclides da Cunha (1866-1909) foram intelectuais que se questionavam como o Brasil poderia progredir

³ Verso inicial da canção “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso, composta em 1939. Ver mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Aquarela_do_Brasil (acesso em 07 mar. 2018).

contando com elementos culturais tão díspares entre si. Esses autores, de modo geral, compartilhavam da visão que o atraso do país era consequência das misturas raciais e culturais que se processaram ao longo da história e que dificilmente seria superado. Eles tinham em mente o processo de desenvolvimento ocorrido na Europa e o interpretavam como fruto de uma identidade cultural ocidental que era entendida como homogênea, sendo caracterizada pela presença de uma população “branca, educada e refinada” (QUEIROZ, 1989, p. 33). Racismo e pessimismo estavam presentes em interpretações que buscavam homogeneidade onde a diversidade étnica e cultural insistia em se mostrar.

No decorrer do processo de abolição da escravatura, que se estabelece apenas em 1888, essa questão adquiriu contornos ainda mais contundentes, uma vez que a cidadania conquistada pela população negra – mesmo que parcial – aumentava as preocupações dos brancos em relação à manutenção de sua posição social. A pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz destaca “o sentimento de perigo que avassalava as elites, muito conscientes da diferença numérica entre os africanos e seus descendentes, de um lado, e a população de origem europeia, de outro” (1989, p. 33).

Esse medo que justificava todo tipo de discriminação e preconceito, assim como a constante e crescente repressão a manifestações culturais e políticas organizadas por não-brancos em todo o país, dominaria o pensamento social brasileiro até o início da década de 1920, quando outras interpretações sobre a composição étnica do povo brasileiro começaram a ganhar espaço.

Brasil mostra a tua cara⁴

No final da década de 1920, os escritos de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade ganham espaço. Eles não eram parentes, mas tinham em comum o local de

4 Trecho da canção intitulada “Brasil”, composta por Cazuzza, Nilo Romero e George Israel, lançada em 1988. Você pode acessar uma interpretação de Cazuzza e Gal Costa em: <https://www.youtube.com/watch?v=NkNv2BflaSU> (acesso em 07 mar. 2018). “Brasil mostra a tua cara” também é o título de um trabalho de pesquisa sobre “Imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000”, de autoria de Jane Souto de Oliveira, pelo IBGE, publicado em 2001. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2434.pdf> (acesso em 07 mar. 2018).

nascimento – ambos nasceram em São Paulo – e juntos com Anita Malfatti organizaram a Semana de Arte Moderna de 1922. Nas obras literárias desses autores “modernistas” se define uma concepção de brasilidade muito distinta daquela vigente no século XIX. A questão da homogeneidade cultural passa a ser encarada como uma ilusão ou um falso problema (QUEIROZ, 1989, p. 34), uma vez que se passa a reconhecer que nem mesmo os países desenvolvidos da Europa a possuíam como característica, sendo todos constituídos de populações heterogêneas em suas origens e traços culturais.

Vejamos um comentário sobre alguns aspectos dos principais trabalhos de Mário e Oswald de Andrade:

Mário de Andrade (1893-1945) define a *brasilidade* principalmente em Macunaíma, seu herói que reúne ao mesmo tempo as qualidades africanas, aborígenes, europeias, todas semelhantes em valor. Demonstra que a originalidade e a riqueza da cultura brasileira provem justamente da multiplicidade de suas raízes. A mistura profunda de elementos heterogêneos, em lugar de nociva e perigosa, por ele é vista como um fator importante para que o patrimônio cultural atinja elevado grau de excelência. O escritor e ensaísta Oswald de Andrade (1890-1954), por sua vez, forjando a teoria da *antropofagia*, explica como se opera a fusão dos elementos culturais díspares: o Brasil, culturalmente, devora as civilizações que a ele vêm ter, compondo uma nova totalidade diferente das anteriores. Forçados a se misturar, os elementos heterogêneos garantem originalidade e beleza à nova cultura resultante – proveniente, portanto, da própria incongruidade dos traços, forçados a se ajustarem uns aos outros no interior de um mesmo conjunto. E nesses arranjos numa outra configuração, com outro sentido, se encontrava a especificidade da civilização brasileira no concerto das nações. (QUEIROZ, 1989, p. 34).

As obras de Mário e Oswald de Andrade se complementam em relação à definição da composição da brasilidade. O momento histórico e o ambiente cultural em que eles viviam permitem-lhes a oposição radical em relação ao pensamento até então dominante sobre a diversidade na origem étnica do povo brasileiro. Para eles, as misturas de civilizações ocorridas historicamente e que ainda estavam em processo no Brasil nada tinham a ver com atrasos no progresso nacional ou dificuldades em seu desenvolvimento (QUEIROZ, 1989, p. 34). Esses problemas, evidentes na sociedade

brasileira, se deviam a fatores históricos e econômicos, não devendo ser atribuídos à identidade cultural da nação.



Você sabia que livro Macunaíma, de Mário de Andrade, já está em domínio público desde 2016? Veja: <http://www.etc.com.br/cultura/2016/01/macunaima-de-mario-de-andrade-esta-em-dominio-publico-partir-de-2016> (acesso em 17 mar. 2018).

Você também pode navegar pela Revista de Antropofagia acessando o acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/7064> (acesso em 17 mar. 2018).

Essa mudança na perspectiva de interpretação da composição étnica do povo brasileiro se consolidaria aos poucos, na medida em que foi se estabelecendo, sob diversas expressões, nos trabalhos de vários intelectuais que, sobretudo a partir da década de 1930, se dedicaram a explicar a identidade cultural brasileira.

No entanto, podemos nos perguntar como e por quais motivos foi se operando essa mudança na forma de se entender a composição étnica do povo brasileiro.

Explicações para isso podem ser encontradas nas profundas transformações vividas pela sociedade brasileira no início do século XX:

O processo de urbanização e de industrialização se acelera, uma classe média se desenvolve, surge um proletariado urbano. Se o modernismo é considerado por muitos como um ponto de referência, é porque este movimento cultural trouxe consigo uma consciência histórica que até então se encontrava de maneira esparsa na sociedade. Ao se cantar o *fox-trot*, o cinema, o telégrafo, as asas do avião, o que se estava fazendo era de fato apontar para uma gama de transformações que ocorriam no seio da sociedade brasileira. Com a Revolução de 30 as mudanças que vinham ocorrendo são orientadas politicamente, o Estado procurando consolidar o próprio desenvolvimento social. Dentro desse quadro, as teorias raciológicas tornam-se obsoletas, era necessário superá-las, pois a realidade social impunha um outro tipo de interpretação do Brasil. (ORTIZ, 2003, p. 40).

As teorias de “brasilidade” que foram elaboradas no Brasil desde a Independência, ao negar à maioria do povo brasileiro – composta por negros, indígenas e mestiços – a potencialidade de progresso e desenvolvimento econômico, deixaram de corresponder ao que efetivamente estava acontecendo na realidade do país e sendo significativamente estimulado pelo Estado, sobretudo a partir de 1930, com o governo Vargas.

Por outro lado, os grandes fluxos de imigrantes que haviam chegado ao Brasil, desde o final do século XIX, passaram a representar uma ameaça às elites nacionais, uma vez que representantes de grupos de imigrantes bem-sucedidos economicamente começavam a disputar com os filhos das elites brasileiras postos de comando nas hierarquias econômicas e políticas: “a chegada maciça de europeus, ameaçando o poder dos autóctones, chamou-os à consciência da especificidade de sua civilização, acentuou neles o apego em relação à sua própria herança e valores” (QUEIROZ, 1989, p. 38).

Uma nova definição do “ser brasileiro” passou a ser demandada pela sociedade, capaz de assimilar os grandes contingentes de novos imigrantes (que chegavam da Europa, Ásia, Oriente Médio) cuja mão de obra era necessária ao desenvolvimento capitalista e, ao mesmo tempo, afirmar a identidade nacional brasileira.

A cara do Brasil⁵

Gilberto Freyre (1900-1987) é considerado um dos principais artífices da construção do chamado “mito das três raças”, que atenderia à necessidade de elaboração de uma nova interpretação do Brasil e de seu povo, capaz de explicar a origem do moderno Estado brasileiro.

Em sua obra mais conhecida, *Casa Grande e Senzala*, publicada em 1933, a questão da composição étnica do povo brasileiro é retomada para a interpretação da realidade social brasileira em um contexto de profundas transformações.

5 Título da canção de Vicente Barreto e Celso Viáfara, lançada em 1999. Ouça e veja a interpretação dos autores em: <https://letrasweb.com.br/vicente-barreto/a-cara-do-brasil.html> (acesso em 07 mar. 2018).

Segundo o sociólogo Renato Ortiz:

A fábula [ou o mito das três raças] é engendrada no momento em que a sociedade brasileira sofre transformações profundas, passando de uma economia escravista para outra de tipo capitalista, de uma organização monárquica para republicana, e que se busca, por exemplo, resolver o problema da mão-de-obra incentivando a imigração europeia. (ORTIZ, 2003, p. 38).

Mas o que é o mito das três raças? É a ideia vigente até hoje de que o Brasil foi engendrado em uma “epopeia das três raças que se fundem nos laboratórios das selvas tropicais” (ORTIZ, 2003, p. 38). É a ideologia do “Brasil-cadinho”, ou seja, como se o território brasileiro fosse um cadinho de laboratório, ou recipiente muito resistente às altas temperaturas, no qual ocorreram misturas de gente de diferentes origens étnicas e culturais. Dessa mistura, resultou o povo brasileiro: todo misturado e diferente daqueles que lhe deram origem.

Entendam que essa concepção é mítica, ou seja, serve para sugerir um ponto de origem, “um centro a partir do qual se irradia a história mítica” (ORTIZ, 2003, p. 38).

Qual a relação da obra de Gilberto Freyre com o nosso mito de origem? Sua obra explica de forma muito bem articulada como teria se processado essa mistura, além de acrescentar um ingrediente muito especial: exalta a positividade do mestiço, que passa a ser visto como portador de qualidades que contribuem para diferenciá-lo, assim como o Brasil dos outros povos e nações do mundo. Vejamos um comentário sobre a obra *Casa Grande e Senzala*:

O livro possui uma qualidade fundamental, ele une a todos: casa grande e senzala, sobrados e mucambos. Por isso ele é saudado por todas as correntes políticas, da direita à esquerda. O livro possibilita a afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambiguidades de sua própria definição. Ele se transforma em unicidade nacional. Ao retrabalhar a problemática da cultura brasileira, Gilberto Freyre oferece ao brasileiro uma carteira de identidade. (ORTIZ, 2003, p. 42).

A obra de Gilberto Freyre contribui para a difusão do mito das três raças que, com o tempo, se tornaria senso comum no país. O que era mestiço, a partir de então, passou

a ser entendido como nacional.

Essa construção de uma identidade nacional mestiça e sua assimilação como teoria explicativa da composição do povo brasileiro contribui para “borrar” as fronteiras étnicas e seus conflitos no Brasil. Segundo define o sociólogo Renato Ortiz: “O mito das três raças é neste sentido exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos se reconhecerem como nacionais” (2003, p. 44).

Cabe acrescentar que, durante a ditadura militar que sucedeu o Golpe de 1964, essa ideia de convivência “harmônica” entre os “diferentes” foi mobilizada para inibir debates sobre os conflitos e antagonismos existentes na sociedade brasileira:

Dentro desta perspectiva os conflitos se resolvem no interior do próprio conceito de diferenciação, que pressupõe a existência de uma sociedade harmônica e equilibrada. A noção de mestiçagem engloba nesse sentido outras ideias e vai travestir o significado de termos como “democracia” e “liberdade”. (ORTIZ, 2003, p. 94).

O propósito desse uso da noção de “diferença” era propagar a identificação do Brasil como um país mestiço e harmonioso, no qual as contradições eram suprimidas em prol de uma percepção de unidade nacional, vista como capaz de abarcar as diferenças em um conjunto integrado e equilibrado, portanto livre de conflitos políticos e sociais.

Povo guerreiro⁶

Na interpretação do Brasil que apresenta no livro *O Povo Brasileiro*, publicado em 1995, Darcy Ribeiro (1922-1997) aponta a falsidade da tão proclamada “democracia racial” e enfatiza os “profundos abismos que aqui separam os estratos sociais” (RIBEIRO, 1995, p. 24). O foco no conflito é marcante em sua obra e a diferencia de outros intérpretes do Brasil.

⁶ Canção de Criolo, lançada em 2018. Ouça em: <https://www.youtube.com/watch?v=595vpTIEGVk> (acesso em 17 mar. 2018).



O livro “O Povo Brasileiro” já teve diversas edições no Brasil. A imagem à esquerda reproduz a capa elaborada pela Global Ed., que utiliza um recorte da tela “Os Operários” de Tarsila do Amaral.

Também foi produzido um documentário inspirado na obra de Darcy Ribeiro, cuja capa está à direita.

Veja informações sobre o livro “O Povo Brasileiro” e sobre o documentário em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/o-povo-brasileiro-a-formac%CC%A-7a%CC%83o-e-o-sentido-do-brasil-darcy-ribeiro/> (acesso em 17 mar. 2018).



Em sua explicação sobre “a formação e o sentido do Brasil”, Darcy Ribeiro emprega a noção de “ninguendade”, ou seja, daquilo que impelia os nascidos no Brasil a construírem sua identidade, a “serem alguém”, uma vez que, se não o fizessem, permaneceriam sendo “ninguém”, não-índio, não-negro, não-europeu (RIBEIRO, 1995, p. 131). Vejamos uma interpretação para esse aspecto de sua obra:

Darcy defende a noção de um “povo novo” nascido na maioria dos países da América Latina, resultado dos processos de “desindianização” do índio, de “desafricanização” no negro e de “deseuropereização” do europeu. Um país de mestiços, os quais não são iguais a seus ascendentes de uma ou outra etnia. São um “gênero humano novo”, fruto do “atroz processo de fazimento do nosso povo”, dos índios e dos africanos mortos, dos mamelucos, caboclos e mulatos que, sem identidade, plasmaram a identidade do brasileiro. (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2005, p. 15).

A unidade étnica, no entanto, não significava harmonia ou convivência pacífica, para Darcy Ribeiro:

Essa unidade resultou de um processo continuado e violento de unificação política, logrado mediante um esforço deliberado de supressão de toda identidade étnica discrepante e de repressão e opressão de toda tendência virtualmente separatista. Inclusive de movimentos sociais que aspiravam fundamentalmente edificar uma sociedade mais aberta e solidária. A luta pela unificação potencializa e reforça, nessas condições, a repressão social e classista, castigando como separatistas movimentos que eram meramente republicanos ou antioligárquicos. (RIBEIRO, 1995, p. 23).

A interpretação sugerida, portanto, não esconde os conflitos em prol de uma percepção de unidade, ao contrário, “evidencia-os em sua análise das interações, comportamentos, autopercepções e percepções do ‘outro’” (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2005, p. 17). Para Darcy Ribeiro, o povo brasileiro constituiu-se num processo marcado pela submissão a um projeto empresarial integrado ao sistema econômico capitalista de âmbito mundial, fato que imprimiu sua marca na constituição da identidade nacional. Em suas palavras:

Não há, nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade. O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma da ordem social vigente (RIBEIRO, 1995, p. 446).

Darcy Ribeiro identifica, no Brasil, cinco variantes culturais, ou cenários regionais, que denomina de “Brasis”: o crioulo, do litoral; o caboclo, da Amazônia; o sertanejo, do nordeste; o caipira, do sudeste e centro do país; e os sulinos, tanto gaúchos, como ítalo e teuto-brasileiros.

Ao estudar a pluralidade dos modos de ser brasileiros, Darcy Ribeiro defende a ideia de que a história, mais do que em grandes cenários gerais, se passa “nos quadros locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica” (RIBEIRO, 1995, p. 269).

A identidade étnica dos brasileiros, portanto, se explicaria tanto pela matriz básica como por sua flexibilidade (RIBEIRO, 1995, p. 272). A característica de flexibilidade, segundo Darcy Ribeiro, permitiu os “ajustamentos locais, a todas as variações ecológicas regionais” (1995, p. 272) que tornaram viável sua sobrevivência e a preservação de sua unidade.

Brasil com s⁷

A globalização e a mundialização da cultura trouxeram novos elementos para as discussões sobre identidade cultural, povo e nação. No que concerne às nossas reflexões sobre o povo brasileiro e seu papel na história, podemos refletir sobre a ressignificação contemporânea da relação entre Estado-nação e identidade.

Da posição central até então ocupada, a identidade nacional passa a ser ladeada por outras identidades, que extrapolam seus limites. Para o sociólogo Renato Ortiz (2013, p. 622):

Diante do mercado global, das grandes corporações transnacionais, os problemas já não podem ser definidos exclusivamente em âmbito nacional. O mundo é uma arena na qual diferentes atores, organismos internacionais (ONU, FAO, OMC etc.), grandes corporações (Sony, Apple, Google etc.), grandes bancos, ONGs (Greenpeace, Médicos sem Fronteiras, Humans Rights), e claro, as nações, atuam.

Nesse novo contexto, as identidades nacionais não são suprimidas nem substituídas por uma identidade “global”, mas passam a compartilhar espaço com outras, que podem ser globais, locais, regionais, formando fluxos heterogêneos que se interpenetram e se cruzam (ORTIZ, 2013, p. 623).

Quando focalizamos a cultura brasileira a partir dessa perspectiva, ela deixa de ser referida no singular e desloca-se para o campo de análise dos interesses e conflitos envolvidos em sua definição, afinal, “interessa saber como ela é construída, que relações de força ela recobre” (ORTIZ, 2013, p. 626).

A concepção de diversidade que daí emerge distancia-se da “diversidade na unidade” característica da ideia de “democracia racial”, que reprimia as diferenças, para caminhar no sentido de reconhecê-las e valorizá-las, em um exercício de igualitarismo:

O negro deve ser visto em sua negritude não diluído pela mistura racial, os indígenas reconhecidos em suas práticas “ancestrais” não pela contribuição que deram à cultura brasileira. Reconhecimento reveste-se de uma natureza

7 Canção de João Gilberto, gravada em 1982. Acompanhe em: <https://www.youtube.com/watch?v=YtQfj3zetNE> (acesso em 17 mar. 2018).

cultural e política que encontra no Estado brasileiro uma forma de se expressar. Valoriza-se assim a autoestima e o sentimento de pertencimento dos indivíduos e dos grupos sociais, assim como a potencialidade cultural inscrita no interior dessas “diferenças”. Cidadania é uma palavra-chave, ela se aplica aos grupos indígenas, aos negros, aos grupos de hip-hop na periferia das grandes cidades, às apresentações do maracatu ou bumba-meu-boi. As expressões culturais são percebidas como formas de afirmação num espaço público no qual o Estado brasileiro atua como mediador. (ORTIZ, 2013, p. 628).

Cidadania e inclusão são elementos centrais dessa perspectiva, uma vez que apenas com políticas públicas os direitos dos cidadãos podem ser garantidos.

Quando pensamos em questões diretamente ligadas a essa concepção de identidade que transcende os limites territoriais, os problemas ecológicos se destacam, uma vez que “eles não podem ser reduzidos às fronteiras do nacional, sua territorialidade é planetária” (ORTIZ, 2013, p. 622). Nesse sentido, propomos, a seguir, uma reflexão sobre mudança climática e justiça climática. Você já pensou sobre isso?



Hélio Oiticica (1937-1980) é um artista brasileiro que criou os chamados “penetráveis”, instalações artísticas que permitem ao público uma experimentação sensorial: você pode entrar e tocar nas obras!

A obra ao lado se chama “Penetrável da Gal” ou “Ninho da Gal”, criada por Oiticica, em 1969, para a cantora Gal Costa.

Pensando no que discutimos até aqui, o que essa obra sugere a você? Como você poderia interpretá-la?

Foto de Fabiane de Paula, publicada no Diário do Nordeste, de 10 mar. 2016. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/caderno-3/a-suprassensacao-de-helio-oiticica-11507254> (acesso em 20 mar. 2018).

Cio da Terra⁸

Uma árvore nunca é apenas uma árvore. A natureza não é algo anterior à cultura e independente da história de cada povo. Em cada árvore, cada rio, cada pedra estão depositados séculos de memória. (SCHAMA, 1996, p.70).



CANDIDO PORTINARI

Colheita do algodão, 1948

Óleo sobre madeira, 42 x 50 cm

<http://www.portinari.org.br/>

ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL

Aos professores da educação básica, e aos pais que queiram educar pela arte, o caderno de imagens de Candido Portinari traz boas contribuições da ligação cultura-natureza:

https://www.ifsc.usp.br/portinari/images/PDF/Exposicao_Portinari_Arte_e_Meio_Ambiente.pdf

Uma cultura possui múltiplas dimensões, a exemplo do trabalho agrário que pode inspirar a composição da música popular brasileira *Cio da terra*, de Milton Nascimento e Chico Buarque, bem com as pinturas de Candido Portinari, nas colheitas de algodão. Passeando pelo Pau Brasil do movimento antropofágico brasileiro, aos movimentos sociais mais contemporâneos, a territorialidade chamada Brasil buscou suas desterritorializações contra os fenômenos positivistas de “encaixar” o povo brasileiro a determinados parâmetros imutáveis. A cultura é dinâmica, apresenta mudanças e seus fluxos não se encaixam em armadilhas fechadas de caracterizações etnográficas tradicionais.

Você conhece alguma música que traz elementos da natureza? Cite um trecho da música que “conversa” com o ambiente.

⁸ A música *Cio da terra* (1977) é de Milton Nascimento e Chico Buarque e nasce da consideração e respeito ao trabalho agrário, com inspiração no canto das mulheres camponesas na colheita do algodão [<http://armazemdetexto.blogspot.com.br/2017/11/musica-o-cio-da-terra-milton.html>].

A cultura dialoga constantemente com a natureza, e a memória interpreta a natureza conforme nossa cultura. Na nossa interpretação dos fenômenos, a memória vasculha o pretérito, atribui significados aos nossos sentidos e se reveste deste diálogo entre cultura e natureza. Nem sempre temos lembranças de lugares com flores do campo, casa bucólica, roubo de goiabas ou mergulho no rio. As pessoas urbanas também conseguem ter infância longe destas paisagens, que não são apenas naturais, mas carregam símbolos, marcas e nem sempre são imagens bonitas.

Mudamos as paisagens de nossas vidas. Mudamos as paisagens do mundo. Estudos científicos revelam que estamos na era de mudanças climáticas e anunciam grandes desastres que não são apenas naturais, mas estão intrinsecamente conectadas ao mundo da cultura.

No local que você mora, imagine se existem espaços para os “rios”, as “matas”, as “fogueiras” e até as “nuvens”. Estes espaços estão isolados da cultura? Existem torneiras que trazem a água do rio? Móveis que são feitos de madeira? Um fogão que cozinha alimentos para sua energia diária? Algum ventilador ou ar condicionado para os dias de calor? Você percebe a ligação da natureza no cotidiano de sua existência?

Há muito tempo, um filósofo francês chamado Gaston Bachelard usou 4 elementos como arquétipos⁹ para compreender os fenômenos do imaginário humano. Para ele, a água simboliza a origem de todas as coisas, como a bolsa da água no útero materno, ou a sopa orgânica que originou a vida na Terra. É o marco inicial da aprendizagem, nos processos formativos que implicam também deformação, transformação e reformação (BACHELARD, 1985). A terra é a metáfora dos labirintos, do trabalho e do repouso. Nos labirintos que geralmente ninguém gosta de entrar, damos o melhor de nós para sair. Portanto, para Bachelard, a meta é não temer o caos: é preciso fazer do erro uma aprendizagem. O fogo, metáfora do amor, poder e sexo é o elemento que todos sabem que queimam, mas ninguém consegue negar. É o momento da guinada, da transformação e da combustão da queima que originará outros caminhos. Finalmente,

⁹ Busque no dicionário o significado da palavra arquétipo. Você gosta de horóscopo? Dos 12 arquétipos apresentados, qual é o seu signo?

o ar é o elemento da liberdade, do voo e que toca todos os demais. É a imaginação criativa que dá a leveza da interpretação dos sonhos.

Entre estes elementos, estão as mudanças ligadas à ÁGUA: pesquisas sobre o degelo são assustadoras, pois despontam o aumento da temperatura derretendo as geleiras de forma dramática e rápida. Haverá elevação do nível das águas do mar, e os países como o Japão, Holanda ou Inglaterra serão severamente castigados pelo desaparecimento de zonas costeiras. Nos desastres da TERRA, também aparecem as grandes tragédias: buracos enormes que surgem do nada engolindo a superfície, terremotos, deslizamentos e desertificação, entre outros exemplos. No tocante ao FOGO, teremos incêndios oriundos dos terremotos, dos raios das grandes tempestades, ou no caso das cidades, fios elétricos em circuito de energia explosiva. Grande parte dos vulcões, hoje inativos, podem despertar causando outros pesadelos. E todos estes fenômenos tocam o AR em furacões, tornados, ventanias e epidemias que já estão acontecendo como as doenças causadas pelos vírus, bactérias, fungos ou protozoários, e que muitas vezes escapam de um território específico, tornando-se pandemia, como foi o caso da gripe espanhola, AIDS ou Ebola.

Utilizando esta metáfora dos 4 elementos, assinale com um “x” nos elementos que podem estar correspondentes com cada evento climático. Cada evento pode se relacionar com mais de um elemento, como é o caso dos “tsunamis”, que são grandes ondas originárias de terremotos das placas tectônicas.

Bachelard e elementos dos desastres:

	ÁGUA	TERRA	FOGO	AR
enchente				
derretimento das geleiras				
maremoto e tsunami				
tempestade				
furacão e tornado				
ventanias				
aumento da temperatura (efeito estufa)				
aumento da emissão de gás carbônico CO2				
nevasca				
avalanches				
deslizamento de massa seca				
terremotos				
buracos - sinkhole				
desertificação e seca				
incêndios				
vulcões				
epidemia -vírus, bactérias, protozoários e fungos				



A Grande Onda sobre Kanagawa

Katsushika Hokusai, 1830

A BBC informa que a xilogravura da grande onda é a imagem mais reproduzida no mundo. Provavelmente, muitos anos após a pintura, os artistas se apropriaram da imagem em xilogravura. Hoje a pintura é bastante popular em função do aumento de “tsunami” (grande onda), ocasionados pelas mudanças do clima.

<http://www.bbc.com/portuguese/geral-41055922>

Gente humilde¹⁰

DESTRUIÇÃO (1969)

A vida contra a vida:
a estéril crueldade
da luz que se consome
desintegrando a essência
inutilmente.
Orides Fontela



TARSILA DO AMARAL

Os operários, 1933
Óleo sobre tela, 150 x 205 cm
<http://tarsiladoamaral.com.br/>

ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL

Proposta didática da história do Brasil por meio das obras da Tarsila do Amaral:

<https://novaescola.org.br/conteudo/1063/tem-muitas-historias-do-brasil-nas-telas-de-tarsila-do-amaral>

Reconhecemos que os efeitos das mudanças climáticas serão drásticos e afetarão toda a humanidade, contudo, com forma e proporções diferenciadas. Não há dúvidas de que os grupos sociais em situação de vulnerabilidade, em especial aqueles economicamente desfavorecidos, serão os mais atingidos pelos desastres e fenômenos da mudança do clima. O movimento ético que busca promover a inclusão social, com proteção ecológica e economia responsável, intitula-se JUSTIÇA CLIMÁTICA. Este movimento internacional transcende o foco da pesquisa, aliando-se aos processos formativos e comunicacionais, para que as ciências consigam ter relevância social e audiência na sociedade brasileira ainda despreparada para lidar com os conflitos socioambientais e as violações de direitos humanos que daí possam advir.

Sato (2016) considera que os efeitos drásticos das mudanças climáticas terão proporção, magnitude e escala de forma desigual e injusta, acometendo mais as camadas economicamente desprivilegiadas, os que vivem na periferia, aqueles que

¹⁰ A composição “Gente Humilde” possui várias autorias. Conta-se que a versão originária foi de 1945, pelo músico apelidado Garoto. O tempero do violão veio com Aníbal Sardinha, e que posteriormente, na década de 60, ganhou presença nas vozes e interpretações de Vinícius de Moraes e Baden Powell. https://www.academia.edu/32228886/AS_VERS%C3%95ES_DE_GENTE_HUMILDE?auto=download

estão à margem da história ou de maneira inviabilizada pela sociedade competitiva e que ainda mantém o modelo de crescimento econômico como meta do bem-estar humano.

No estado de Mato Grosso, realizamos um mapa social dos grupos sociais em situação de vulnerabilidade, e estudamos os tipos de conflitos socioambientais existentes nos territórios destes grupos, utilizando a autodenominação como procedimento metodológico da pesquisa (SATO; SILVA e JABER-SILVA, 2014)¹¹. São diversos povos indígenas, quilombolas, pescadores artesanais, pequenos agricultores, ciganos, moradores de rua, favelados, e diversos outros grupos que vivem no Pantanal, Cerrado e Amazônia. Geralmente, são excluídos das políticas públicas, com poucos serviços de saúde, transporte ou moradia, sofrendo as injustiças do abismo socioambiental. Quando um acidente ambiental ocorre, estes grupos são os mais expostos, os mais atingidos, os grupos que estão em situação de maior vulnerabilidade.

Você consegue pensar em algum grupo social em situação de vulnerabilidade no local onde mora? Existem moradores de rua? Imigrantes? Grupos étnicos minoritários? Eles possuem oportunidades iguais? Quais são as dificuldades? Eles sofrerão mais as consequências das mudanças climáticas? Será possível ajudá-los? Como?

É inegável a crescente necessidade de dialogar com as diferentes instâncias da sociedade global, num momento histórico em que as disparidades sociais se avolumam na proporção da ambiental, revelando a intrínseca conexão entre as dimensões humanas e as alterações do clima. Obviamente, as tecnologias conseguem auxiliar no desenvolvimento das sociedades, contudo o acesso a elas pode ser oneroso, promovendo mais exclusão.

¹¹ Os dois cadernos pedagógicos sobre os grupos sociais (Regina Silva) e os conflitos socioambientais (Michelle Jaber-Silva) podem ser adquiridos no formato em PDF em: <https://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/materiais-e-apoio-pedagogico.html> (acesso em 20 mar. 2018).

O Japão é o país mais bem-preparado ao enfrentamento de desastres naturais. Com condições econômicas, o Japão ergue muros altos contra os tsunamis, possui uma arquitetura durável contra os terremotos e possui um sistema de alerta e refúgios impressionantes. Contudo, há poucas medidas que auxiliem as Pessoas com Deficiências (PcD) como surdos, cegos, cadeirantes ou ainda aqueles com deficiência mental.

Alguns autores têm insistido com os processos de adaptação ou resiliência da sociedade (BERKES & JOLLY, 2001; BERKES, COLDING & FOLKE, 2003; ADGER, 2003), entretanto, Nobre (2008) afirma que os processos de mitigação são muito mais importantes do que a adaptação, já que, num período de 40 anos, a Terra terá um aumento considerável da temperatura e será tarde demais para a maioria dos povos. Assim, é importante considerar que não se trata apenas de promover a RESILIÊNCIA dos povos, mas também de compreender as formas de RESISTÊNCIA contra a hegemonia do capital, de como estes grupos sociais vulneráveis lutam para sustentar suas identidades. É mister conhecer a maneira como suas lutas contra os conflitos socioambientais são desencadeadas, e como garantir a defesa dos Direitos Humanos e de todas as demais formas de vida contra as violências provocadas pela mudança climática.

A mudança climática atua como um multiplicador de ameaças, aumenta a intensidade e frequência de eventos extremos exacerbando as vulnerabilidades existentes e alterando a distribuição e fornecimento de recursos (MILANEZ & FONSECA, 2011). Seus impactos se entrecruzam e agravam outras problemáticas: as crises econômicas, as profundas desigualdades sociais, superconsumo para uns e precariedade para a maioria, injustiça social, ambiental e climática. Ademais, os múltiplos desdobramentos das alterações climáticas em termos de degradação da vida no planeta, e de seus erráticos impactos, se encontram em rápido movimento de crescente complexidade (SATO, 2016).



DIEGO RIVERA

Alianças entre camponeses e operários de indústrias, 1924
Muralismo (fresco)

<http://totallyhistory.com/diego-rivera-paintings/>

A cor da esperança¹²

Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.

Manoel de Barros



Imara Quadros

Educação Ambiental, 2013
(Ilustração, Sato & Quadros, 2013, p. 52)

ARTE-EDUCAÇÃO-AMBIENTAL

No blog o *Grupo Pesquisador em Educação Ambiental, Comunicação e Arte* existe um livro para download. Leia o capítulo “texto e imagem da educação ambiental” e faça a ligação do texto com a imagem.

<https://gpeaufmt.blogspot.com.br/p/etapas-da-conferencianacional.html>

Enquanto a maioria da população brasileira não consegue perceber os dilemas do clima, os cientistas estão desesperados, muitos com “depressão científica” em estudar as catástrofes e se indignar com o desconhecimento social. No documentário *Uma verdade inconveniente*¹³, Al Gore afirma que considerava os estudos climáticos como trunfo à sua escalada à presidência dos Estados Unidos. Contudo, o senado

¹² Cartola é considerado um dos grandes ícones do samba brasileiro, expressão da cultura brasileira. Como todo brasileiro que sofre os dilemas políticos, ele mantinha sua esperança na composição com Roberto Nascimento: a cor da esperança (1979): <http://sambaderaiz.org/albuns/cartola-70-anos-1979/>

¹³ Disponível em: <https://www.algore.com/library/an-inconvenient-truth-dvd> (acesso em 20 mar. 2018).

simplesmente ignorou seus eloquentes estudos. E o mesmo faz a população, não apenas a estado-unidense, mas a global.

Portanto um dos desafios de hoje na pauta científica é como dar audiência destes fenômenos que ameaçam as vidas, mas cujo clima é um ar invisível que ninguém consegue enxergar.

É uma provocação aos estudiosos, cientistas e educadores, criar condições para que políticas públicas sejam táticas para realizar as transformações necessárias para que a humanidade atue com responsabilidade, em direção a uma cultura política e social com metas de sustentabilidade (JACOBI et al., 2011)¹⁴. Sustentabilidade em suas múltiplas dimensões: ecológica, econômica, cultural, social, política, ética e estética. O estado atual exige uma verdadeira revolução, que alguns chamam de mutação, ou mudança paradigmática, em busca de novos modelos civilizatórios, baseados em outros valores.

Sem a necessidade de se inscrever na visão utilitarista e positivista da “resolução de problemas”, o que se propõe não é universalizar o saber a ser construído pelos cientistas, pesquisadores e estudiosos. A meta é que cada local examine sua própria condição de proteção e cuidados. Para além da adaptação, será necessário resistir aos modelos de desenvolvimento que geraram estas mudanças climáticas. RESISTÊNCIA não significa rejeição, mas implica em tentar mudar o sistema que gera as catástrofes. Assim, fazem-se diferentes uma educação ambiental que só visa adaptação e a outra que tenta promover a resistência:

14 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000100008> (acesso em 20 mar. 2018).



De um lado, uma educação que enxerga as MUDANÇAS climáticas como problema a ser solucionado.	Por outro lado, uma educação que enxerga as mudanças e as INJUSTIÇAS climáticas como problema a ser confrontado.
Em virtude de enfatizar o problema, os processos de MITIGAÇÃO e manejo são eloquentes. A resiliência é necessária, como forma de superar os problemas.	Por reconhecer que os modelos de consumo geram as mudanças climáticas, a RESISTÊNCIA contra o sistema é central, sem negligenciar a resiliência.
Estabelece uma hierarquia nos sistemas de vida, como uma cadeia alimentar com o homem (masculino) no topo, sendo ele o que mais exige proteção. É uma estrutura pivotante, claramente com uma casta unívoca.	Há um conjunto de vidas conectadas sem hierarquia, como um modelo rizomático proposto por Deleuze & Guattari (1995). O modelo de rizoma é uma rede horizontalizada sem centro, com capacidade de criar “linhas de fuga” contra o sistema.
Em 2006, Paul Crutzen defendeu a teoria de que nossa atual era geológica é demarcada pelas mudanças climáticas provocadas pelo <i>Homo sapiens</i> . Sua teoria, “antropoceno”, ganhou o Nobel da ciência e é amplamente aceita na comunidade científica.	No Brasil, Vilmar Pereira publicou o livro sobre a teoria cosmocena em 2016. Neste livro, a noção antropocêntrica é superada pela noção da conexão de vidas e não-vidas. Por influência da hermenêutica, a dimensão compreensiva é universal, nos elos que interligam este frágil planeta azul.

São várias as tentativas de comunicar este clima invisível: da proposta de estudos e investigações científicas; dos processos formativos em todos os níveis, idades e grupos sociais; da comunicação que precisa criar uma cultura científica; e da arte, que tem contribuído de forma espetacular para dar audiência a este fenômeno climático.

Artistas do mundo inteiro se unem em torno das mudanças climáticas¹⁵, num altíssimo volume de produção fílmica, entre curtas, dramas e documentários. Exposições de fotografias, pinturas e desenhos são aliadas às campanhas mundiais sobre mudanças climáticas. Esculturas em madeira, pena de aves, feltro, materiais diversos também se comunicam com bordados, modas e figurinos. É incontável as mostra de *flash mob*, intervenções e instalações artísticas em eventos, nas *Conferences of Parts (COP)* ou cotidianos. Balé, danças, teatro e corpo também se dão as mãos na ciranda, se a meta for comunicar o clima.

Nascemos brasileiros, mas o território não nos limita. O pluralismo cultural acompanha as paisagens naturais e o clima é uma dimensão mundial, mesmo que deva ser considerado por cada local. A relevância da cultura reside na capacidade (e no limite) do que somos capazes em cada pesquisa, formação ou intervenção para a construção de políticas públicas inclusivas. Políticas que consigam enxergar a humanidade, mas que exerçam o papel frente aos desafios da complexidade da vida na Terra, colorindo o horizonte com esperanças.

Mário Cortella deu uma entrevista sobre a diferença dos verbos ESPERAR e ESPERANÇAR. Inspirado em Paulo Freire, Cortella negrita que o esperar não é somente ficar de braços cruzados esperando por políticas públicas¹⁶. Esperançar é diferente de esperar: significa ficar ativo, atuar, participar nos movimentos e construir coletivos que consigam mudar o sistema (e não o clima).



BANKSY

Garota com balão amor
Grafite (estêncil)

Você conhece alguma música que fala sobre a esperança? Procure no Youtube e cante junto em voz alta!

15 <https://mimisato.blogspot.com.br/p/climate.html>

16 Entrevista com Mário Cortella, sobre o ESPERANÇAR: <https://youtu.be/2nysC1lOSyI> (acesso em 20 mar. 2018).

Referências bibliográficas

ADGER, W. Neil. Social capital, collective action, and adaptation to climate change. **Economic Geography**, v.4, n. 79, p.387-404, 2003.

BACHELARD, Gaston. **O direito de sonhar**. São Paulo: Difel, 1985.

BERKES, Fikret; COLDING, Johan; FOLKE, Carl (Eds.). **Navigating social-ecological systems – building resilience for complexity and change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

BERKES, Fikret; JOLLY, Dyanna. Adapting to climate change: social-ecological resilience in Canadian western Arctic community. **Conservation Ecology**, v.5, n.2, 2001.

CRUTZEN, Paul. The Anthropocene: the current human-dominated geological era. Pontifical Academy of Sciences, **Acta 18**, Vatican City, 199-293, 2006 Disponível em: <http://www.casinapioiv.va/content/dam/accademia/pdf/acta18/acta18-crutzen.pdf>. Acesso em 20 mar. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed 34, vols. I, II, III e IV, 1995.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. História e natureza em von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, v. VII, n. 2, p. 389-410, jul./out. 2000. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702000000300008>. Acesso em 07 mar. 2018.

JACOBI, Pedro et al. Mudanças climáticas globais: a resposta da educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 46, 135-148, 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000100008>. Acesso em 20 mar. 2018.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adélia Maria. O Povo Brasileiro de Darcy Ribeiro: crítica ou reforço à noção de “caráter nacional brasileiro”? In: PLANCHEREL, Alice Anabuki (org.). **Memória & Ciências Sociais**. Maceió: EDUFAL, 2005. p. 9-25.

MILANEZ, Bruno; FONSECA, Igor. Justiça climática e eventos climáticos extremos: uma análise da percepção social no Brasil. **Terceiro incluído**, v.1, n.2, 82-100, 2011.

NOBRE, Carlos. Mudanças climáticas e o Brasil – contextualização. **Parcerias estratégicas**. Brasília: CGEE-MCT, v.1, n.27, 7-18, 2008.

OLIVEIRA, Jane Souto de. **Brasil mostra a tua cara: imagens da população brasileira nos censos demográficos de 1872 a 2000**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2434.pdf>. Acesso em 07 mar. 2018.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. Imagens do Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, v. 28, n. 3, p. 609-633, set./dez. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922013000300008>. Acesso em 07 mar. 2018.

PEREIRA, Vilmar. **Ecologia Cosmocena**: a redefinição do espaço humano no cosmos. Juiz de Fora: Garcia Edizione, 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. **Tempo Social**, v. 1, n. 1, p. 29-46, 1. sem. 1989. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/ts.v1i1.8331>. Acesso em: 07 mar. 2018.

RAMOS, Jair de Souza; MAIO, Marcos Chor. Entre a riqueza natural, a pobreza humana e os imperativos da civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. **Raça como questão**: história, ciência e identidades no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2010. p. 25-49.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SATO, Michèle; QUADROS, Imara. Texto e imagem da educação ambiental. In: SATO, M; SILVA, R.; GOMES, G. (Coords.) **Escola, comunidade e educação ambiental**. Cuiabá: Seduc & Print Ed., 2013, p.43-57.

_____; SILVA, Regina; JABER-SILVA, Michelle. Between the remnants of colonialism and the insurgence of self-narrative in constructing participatory social maps: towards a land education methodology. **Environmental Education Research**, v. 20, n. 1, 102-114, 2014.

SATO, Michèle (Coord.) **Rede internacional de pesquisadores em educação ambiental e justiça climática** (REAJA). Projeto submetido e aprovado pela Fapemat, edital 2016. Cuiabá: Fapemat, 2016 (mimeo).

SCHAMA, Simon. **Paisagem e memória**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO**

